

---

Coordenação de  
Luís Carlos Patraquim  
Calane da Silva  
e Gulamo Khan

---

# GAZETA

## *de Artes e Letras*

---

64



*As  
minhas  
raízes  
estão  
aqui*

- Bertina  
Lopes



# BERTINA

## “Hoje mesmo fiquei muito zangada”

Entrevista conduzida por Teresa Sá Nogueira

Uma semana cultural de Moçambique em Roma vai ser promovida naquela cidade no mês de Outubro. Para acertar os detalhes quanto ao seu programa e ainda para tratar de pontos ligados à assinatura de um acordo entre a Itália e a nossa Secretaria de Estado da Cultura, esteve entre nós a pintora moçambicana Bertina Lopes.

Bertina não se demorou muito tempo, estava de malas aviadas para seguir para Cabo Verde, onde neste momento tem uma exposição de pintura, a convite do PAICV. «Trata-se de uma oferta minha aos pioneiros, dentro das cerimónias da comemoração dos 10 anos da sua independência», explica. «Fiz um bronze em homenagem à mulher cabo-verdiana, vou tratar agora da possibilidade da sua construção».

Entre um salto ao Museu, uma passagem pela Galeria de Artesanato e uma corrida ao bazar à procura de beringelas, conseguimos sentá-la numa cadeira a conversar. E não foi coisa fácil. Agitada, nervosa, sempre pronta a «voar» para outro sítio, Bertina parece querer abarcar todos os acontecimentos destes anos de ausência nos breves dias que passou entre nós. Ver todos os amigos, conversar com todos os artistas, auscultar todos os seus problemas.

Bertina é assim mesmo, um meteoro, um relâmpago, uma mulher sempre em ebulição. «Mas isto só lhe acontece aqui!» — espanta-se Ana Viçário, que acompanha a irmã do nosso cônsul em Itália — «Em Roma é uma pessoa tranquila; trabalhamos com vagar, há tempo para tudo. Aqui muda completamente, corre todo o dia, quase não a consigo acompanhar».

Em Moçambique estão as suas raízes, reconhece. Reencontrá-las, dói. E enfiar 10 anos nuns poucos dias é completamente impossível. Daí a sua frustração. «Mas eu não fui embora de livre vontade, fui porque tinha que ir, a PIDE forçou-me a sair. Não fui fazer férias! E olha que apesar de longe sou muito mais moçambicana do que muitos daqueles que aqui ficaram. Sim, é verdade — conclui, no seu português já «italianado» — as minhas raízes estão nesta terra. Mesmo agora que pinto doutra forma isso se nota. Olha que há muitos críticos que dizem que as minhas raízes africanas são mais evidentes nas coisas informais que pinto agora».

### ALICERCES DO PASSADO

Quando se pensa no passado em termos de cultura, vem-nos logo à idéia Zé Craveirinha, Noémia de Sousa, Bertina Lopes. Há muitos outros, mas estes são uma espécie de marco.

Juntavam-se debaixo do cajueiro da casa de madeira e zinco da Mafalala, onde ainda hoje o Zé está «plantado» e aí ficavam desfiando o tempo, a conversar, a sonhar com um país que ainda não existia.

A Noémia partiu primeiro, a Bertina uns anos mais tarde, o Zé continuou sempre na Mafalala, foi a sua poesia que partiu pelo mundo. Era um tempo difícil, de amargura e de luta. Mas também de esperança e de fermentação.

«É verdade — recorda Bertina — eu e o Zé conversávamos muito, os seus poemas inspiraram meus quadros. Nesse tempo não conheci a Noémia, calhou só a encontrar lá fo-



ra, muito mais tarde. Mas a sua poesia também me inspirou. Aqui, do nosso grupo, fazia parte o José Júlio, o João Aires, a Maluda, depois chegou o Garizo. Todos bons pintores, marcaram uma época».

Bertina olha para longe, quase consegue descontrair-se.

«Quando fui embora pela primeira vez era bambina, tinha 12 anos, andava no liceu. Se já tinha queda para a arte? Penso que tinha certa

predisposição para a pintura, nem muita nem pouca, a normal em crianças. Acho que todas as crianças nascem artistas. Não sabem que há crítica, não sabem que há jornais, tudo o que fazem é espontâneo, sem influências. Não que as influências sejam todas negativas. Olha, Picasso, que sofreu uma influência tão grande da arte africana. Mas em minha casa a artista era a minha irmã mais velha, ela era uma belíssima aluna de desenho, muito dotada para a pintura. Vê lá o que são as coisas, numa família aparece de tudo! A mim, só depois dos 15 anos é que a arte me começou a interessar a sério».

## TEMPO DE EXÍLIO

Acabado o 2.º ano do Liceu, Bertina parte para Lisboa, para estudar. Matricula-se na Escola António Arroio, boa forja de artistas, frequenta depois as Belas Artes. Estuda, alarga os seus horizontes, contacta com grandes nomes da pintura portuguesa: Cargaleiro, Jorge Botelho, Vespiera, Júlio Rezende, Nuno Sampaio.

Regressa depois a Moçambique já adulta, com outra vivência. Habitua-se a tomar a sua bica no «Continental» entre advogados e artistas. Casa com um poeta, Virgílio de Lemos, que pouco tempo depois é preso pela PIDE. Convive com os artistas do seu tempo, todos a estimam. «Se algum deles me influenciou? Penso que foi o contrário, eu é que os marquei a eles, talvez por ser a mais velha».

De certo modo, nesse tempo, a arte era ainda um privilégio de elites. «Malangatana pouco aparecia na cidade, de Chissano já ouvira falar, Mankeu apareceu muito depois».

A sua primeira exposição acontece em 1958 na Galeria Poliarte, de João Reis. A seguir vai à Beira. A sua pintura impõe-se.

Mulata jovem e bonita, irreverente, com talento, com ideias próprias dentro da cabeça, tinha que atrair a atenção da PIDE. E isso não era nada saudável nesse tempo. «Pois é, tive que me ir embora com certa velocidade. Fui obrigada a exilar-me».

Em Lisboa, Vítor Sá Machado, da «Gulbenkian» acolhia sempre bem os intelectuais de esquerda. Bertina consegue uma bolsa para a Itália. Trabalha, pensa, pesquisa, investiga até 1970. Só então se acha preparada para a sua primeira exposição em Roma, na Galeria «Astrolábio».

As suas mamas de dedos espalmados, os meninos de olhos brancos e ventres inchados, o sofrimento e angústia expressos na sua pintura impõem-se aos críticos que se interrogam: «Que mulher é esta? Que mensagem de dor e de luta nos traz ela?».

«Não, não foi nada fácil a partida, os primeiros tempos — recorda a artista — E também não era o momento de ficar em Lisboa; por isso escolhi a Itália. Escolhi por razões artísticas, mas também por motivos políticos. Mas nunca perdi o contacto com Moçambique, com os amigos, com o grupo da FRELIMO. Aquela foi uma época que me marcou muito».

## NOVOS RUMOS

«Não estou a dizer que foi uma época ultrapassada, longe disso. Mas tudo tem a sua hora. O tempo passou já não pinto como antes. Sabes, as pessoas evoluem, o que sou hoje não é igual ao que fui ontem. Já não era capaz de fazer aqueles quadros, já não posso pintar as coisas que vivi naquela época. Tu trabalhas, investigas, e mudas, mas permaneces. É isso. Eu já não sou eu e continuo a ser. Entendes? Tu pintas e passas adiante. A minha pintura hoje é muito diferente. O que não significa que não estejam lá as minhas raízes africanas».

Foi um percurso lento, na base do trabalho e da pesquisa. Em 1972 Bertina expõe em Portugal, na Galeria da Gulbenkian. Depois viaja pelo mundo, troca experiências com artistas, perde-se em museus. Começa a ser conhecida, a receber prémios. Em 1974 nova paragem. É um tempo de crise de personalidade artística, em que busca novos rumos. Separa-se então do figurativo.

«Separação, é isso. Não abandono. Não abandonei o figurativo. Não se abandona um filho. Foi um momento de reflexão e de pausa. Não é que tu abandones, que deixes de amar. Um artista é assim mesmo. Trabalha, pára, para pensar, volta atrás, recomeça. É sempre um investigador. Ouvindo, lendo, vendo exposições aprende coisas novas. Vê Picasso, um génio. Experimentou cerâmica e não era ceramista, experimentou bronze, outras matérias. Eu sou pintora mas gosto de experimentar coisas novas. Aprendi a técnica do bronze, gosto de fazer trabalhos em bronze, fiz se-



rigrafia, fiz tapeçaria, pinte um retrato e não sou retratista. Penso que um artista deve experimentar tudo para procurar o seu caminhó».

## «NUNCA SE REGRESSA»

Em 1975 Bertina vem a Moçambique para a grande festa da Independência. Casada com um italiano, radicada em Roma, nem por isso se sente menos moçambicana.

Começa então uma nova fase, com quadros de grandes dimensões. «Preciso de espaço para pintar a alegria do meu povo», diz.

«Foram 2 anos em que se deu em mim como que um retorno às origens. Quase tudo o que pinte era figurativo, totémico, moderno. Mas não se pode voltar atrás. Nunca se regressa. Um artista não pára, tem de pesquisar sempre. E é muito importante a curiosidade num artista».

Enquanto Bertina desaparece de novo para atender o telefone, Ana Vicário retoma a palavra:

«Agora o mais importante é acelerar este acordo cultural com a Itália. Como há uma grande cooperação económica entre os dois países, pensamos que tinha de se fazer qualquer coisa no campo da cultura para valorizar essa cooperação. Bertina veio cá acertar detalhes da Semana de Moçambique em Roma e também da assinatura do programa com a vossa Secretaria de Estado da Cultura. Houve muitas dificuldades,

mas penso que foram superadas e agora esperamos que chegue em breve para aqui um adido cultural para ajudar em todo este processo. O primeiro passo foi a exposição de Chissano em Roma, um grande sucesso. Quanto à Semana de Outubro há concenso geral, está toda a gente entusiasmada. Vamos apresentar «ballet», supomos que poderá ir lá a vossa Companhia de Canto e Dança que é muito boa. E também uma exposição colectiva de pintores e de esculptores, outra de máscaras macondes, artesanato a nível de museu. Mas também uma outra de artesanato popular que possa ser vendida numa loja-galeria, seria um êxito garantido, as pessoas compram tudo. E, se possível, também cozinha moçambicana.

Mas a parte mais importante vai ser uma exposição antológica de Bertina, que irá decorrer em diferentes galerias de Roma, no Palazzo Venezia, na Palazzo Brasci. Será uma retrospectiva a partir de 1958, já conseguimos mais de 200 quadros emprestados».

Bertina aparece de novo, correndo. «Tudo isto me tem mantido muito ocupada. O Museu, as exposições, os amigos, as dificuldades, os problemas, tudo. Hoje mesmo fiquei muito zangada. Fui encontrar no depósito do Museu de Arte quadros a estragarem-se. Um deles, meu que eu tinha oferecido a Moçambique já estava todo sujo e até roto. Tem lá coisas de muita gente no mesmo estado. Um quadro tem de se cuidar com amor, não é coisa que se possa lavar com «OMO» quando está sujo. É uma grande «mancanza» de respeito para com os artistas! Deveria haver uma pessoa a tomar conta dessas coisas. Não estou a culpar o director nem o Malangatana, que são homens com inúmeras tarefas, não têm tempo. Mas há que encontrar alguém que se ocupe destas coisas. Assim como está não pode continuar, é um património de Moçambique que se está para ali a perder». □